



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16974 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 05 - Estado e Política Educacional

MUDANÇAS E INOVAÇÕES NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E A GESTÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS ESTADUAIS PAULISTAS

Andreza Barbosa - PUC-CAMPINAS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Maria José da Silva Fernandes - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

Luciana Haddad Ferreira - PUC-CAMPINAS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

MUDANÇAS E INOVAÇÕES NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E A GESTÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS ESTADUAIS PAULISTAS

Tem sido recorrente, nos últimos anos, a defesa da inovação como um imperativo na educação. Tal premissa, pouco fundamentada ou discutida junto à comunidade acadêmica, toma o termo como palavra de ordem neotecnicista, com um fim em si mesma (MESSINA, 2001). As universidades públicas, como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Estadual Paulista (Unesp) não estão isentas e tem precisado lidar com a disseminação deste discurso dentro e fora das salas de aula.

Tomando tal fato como ponto de partida, apresentamos resultados de pesquisa financiada pelo CNPq, que buscou compreender a presença do neotecnicismo pedagógico nas universidades estaduais paulistas. Para tanto, foram analisados: i) editais publicados entre 2018 e 2021, destinados à chamada modernização e/ou inovação dos cursos de graduação; ii) dados de entrevistas semiestruturadas, realizadas com representantes das pró-reitorias de graduação.

Na tentativa de compreender as ações recentes que remetem à inovação, encontramos

quatro editais das pró-reitorias de graduação, publicados nas páginas oficiais das três universidades e no Diário Oficial do Estado de São Paulo:

- Unesp: Edital n. 04 de 2018 que estabeleceu o Programa (I)NOVAGrad e selecionou propostas de inovações curriculares nos cursos de Graduação e de reconceituação dos ambientes de aprendizagem.
- Unesp: Edital n. 08 de 2021 que criou o Programa de Excelência da Graduação Disciplinas Interunidades e previa o oferecimento de disciplinas que contemplassem a formação inovadora dos graduandos.
- Unicamp: Edital de 2020 que estabeleceu o Programa RenovaGRAD e selecionou projetos de renovação curricular com o objetivo de implantar propostas que contribuam com o aprimoramento e modernização dos currículos dos cursos de graduação.
- USP: Edital n. 01 de 2020-2021 que criou o Programa Novos Currículos para um Novo Tempo e tinha como objetivo estimular a modernização e a reformulação curricular dos cursos de graduação.

Os editais da USP e Unicamp justificam a necessidade de repensar o currículo e as formas de ensinar na graduação também com base no que estava sendo vivido com a pandemia de Covid-19 e na proposição do ensino remoto emergencial.

Se os editais apontavam para um movimento de abertura a iniciativas consideradas inovadoras, buscamos as justificativas e fundamentos que levaram a pró-reitoria de graduação das universidades estudadas à repercussão de tal visão. Por isso, propusemos a realização de entrevistas com representantes desta divisão.

Quando questionados sobre as ações decorrentes destes editais, os entrevistados classificaram-nas como iniciativas pontuais e de baixo alcance nas universidades: “pouquíssimos resultados aconteceram desse RenovaGRAD. Então a gente vai ter alguns cursos que fazem esse movimento. Mas a maioria não fez”. (Entrevista com PRG – Unicamp, 2024). Com exceção da Unesp, que dá continuidade a um dos programas - (I)NOVAGrad - por meio da renovação da infraestrutura voltada à graduação, todos os demais editais foram descontinuados.

A despeito dos editais, os entrevistados falam sobre a necessidade de mudanças na estrutura dos cursos e na formação docente, justificando que a instituição deve estar atenta às demandas dos estudantes e da sociedade contemporânea. Destacam que a universidade muda com as políticas afirmativas, e o crescimento do público-alvo da educação inclusiva:

Agora vamos começar a mexer nos currículos, não é? Levou bastante tempo para a universidade entender que a mesma coisa aconteceu na educação básica. A partir do momento que a gente democratizou o acesso, a gente teve que fazer mudanças. Então aqui também. (Entrevista com PRG –

USP, 2024).

As mudanças também foram justificadas devido a alterações observadas na relação dos alunos com a tecnologia: “a mudança do tipo de estudante que a gente tem, um estudante muito ligado à tecnologia e com informação muito rápida, se a universidade não acompanhada, você vai perder” (Entrevista com ProGrad – Unesp, 2024).

Outro elemento apontado foi a necessidade de adequar o que é ensinado nos cursos de graduação às demandas da sociedade atual, a exemplo do participante da Unicamp que mencionou a importância de repensar o currículo do curso de História: “Faz sentido eu trabalhar um currículo apenas e tão somente na perspectiva eurocêntrica?” (Entrevista com PRG – Unicamp, 2024).

Percebemos que tanto nas entrevistas quanto nos editais há certa fragilidade ou confusão quanto às concepções de inovação. Se ora o termo é empregado como sinônimo de mudança, em outro momento há o apelo ao atendimento de demandas externas ao processo educativo, demonstrando que o discurso hegemônico circula inevitavelmente nos espaços acadêmicos. Os entrevistados expressam, no entanto, resistência com relação ao uso do termo inovação:

O termo não tem sido usado, mas a gente reconhece que está no imaginário, né? Que se fizer a sala de aula invertida, se fizer isso, se fizer aquilo, se fizer aquilo outro, está sendo inovador. Não está sendo inovador coisa nenhuma (Entrevista com PRG – USP, 2024).

Entendemos, assim, que a estrutura de gestão colegiada é um elemento importante para compreensão da forma pela qual essas instituições têm lidado com a temática da inovação na graduação. Se de um lado ela contribui para que iniciativas como as dos editais sejam vistas como verticais e externas aos cursos, gerando pouca adesão, por outro, iniciativas voltadas à discussão das necessidades de mudança também podem ter pouco efeito nos cursos de graduação:

Se ela não quiser mudar, a gente não tem como obrigar. Porque essa é uma coisa que a gente não gosta, não é? É a tal da frase de cima para baixo, porque a gente não está em cima de ninguém. Só é uma unidade administrativa de suporte (Entrevista com ProGrad – Unesp, 2024).

Neste sentido, é possível que concepções neotecnicistas de inovação tenham eco nas universidades, do ponto de vista discursivo, sem contribuir efetivamente para a formalização

de iniciativas institucionais de inovação nos cursos de graduação, da mesma forma que é possível que mesmo quando as pró-reitorias deem andamento a propostas críticas de discussão das mudanças necessárias, as unidades ou cursos da universidade não a assumam como tal.

Se tomarmos a perspectiva das múltiplas regulações das políticas educacionais, podemos compreender as universidades como instituições que exercem uma microrregulação local, no sentido proposto por Barroso (2006), agindo em um complexo jogo de negociações e ações que envolvem vários atores que ressignificam as demandas advindas de instâncias superiores. E, ainda que a perspectiva neotecnicista de inovação faça parte de uma agenda internacional neoliberal (LAVAL, 2019), não é possível afirmar que há uma disseminação das práticas neotecnicistas dentro dessas universidades, uma vez que cada unidade e até mesmo cada curso vai assumir as necessidades de mudança de uma forma diferente, no entanto, é necessário reconhecer que a demanda por mudanças pode ser uma porta de entrada para a perspectiva neotecnicista de inovação.

Palavras-chave: Inovação; Neotecnicismo; Educação Superior; Gestão da educação.

REFERÊNCIAS

BARROSO, João. O Estado e a Educação: a regulação transnacional, a regulação nacional e a regulação local. In. BARROSO, João. (Org.). **A regulação das políticas públicas de educação: espaços, dinâmicas e actores**. Lisboa: Educa, 2006. P. 40-70.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019.

MESSINA, Graciela. Mudanças e inovação educacional: notas para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 225-233, nov. 2001.

Representante da PRG - USP. **Entrevista** [abr. 2024]. São Paulo, 2024.

Representante da PRG - Unicamp. **Entrevista** [mai. 2024]. Campinas, 2024.

Representante da ProGrad - Unesp. **Entrevista** [jun. 2024]. São Paulo, 2024.